

## Pensando a ética na perspectiva das formas simbólicas de Ernst Cassirer

# 6

*Thinking the ethics in the perspective of symbolic forms of Ernst Cassirer*

Vladimir Fernandes\*

**Resumo:** Este artigo visa a contribuir para a reflexão ética a partir da filosofia de Cassirer. Trata-se de analisar se a denominada “ampliação” que Cassirer realizou da epistemologia kantiana pode ser estendida à esfera moral. Ou seja, se há um paralelo entre o problema epistemológico e a moral em Kant, e se Cassirer explora o problema epistemológico por outra perspectiva e que consequências isso acarreta para o âmbito moral. Embora Cassirer, em sua produção intelectual, não tenha explorado sistematicamente a questão ética, os problemas com os quais se preocupou, no decorrer de sua produção filosófica, fornecem subsídios importantes para uma reflexão nesse sentido. Para Cassirer, o ser humano é um *animal symbolicum*, um ser que cria signos e símbolos e, dessa forma, constrói a *realidade*. Tal fato implica, para ele, a coexistência de diferentes formas de compreensão do mundo igualmente válidas, diferentes *formas simbólicas*, como ele denomina, por exemplo, o mito, a religião, a ciência. Pensar a ética na perspectiva da *Filosofia das formas simbólicas* implica considerar a coexistência de tais construções simbólicas, bem como a tolerância ante a conseqüente diversidade epistemológica e axiológica, destacando-se o fundamental papel da filosofia nesse processo.

**Palavras-chave:** Cassirer. Kant. Formas simbólicas. Mito-religião. Ética.

**Abstract:** This article purposes contributing to the ethical reflection from Cassirer's philosophy. It intends analyzing the called “extension” that Cassirer did from Kant's epistemology and that may be included to the moral sphere. It means, if there is comparison between a Kant epistemology moral and, if Cassirer explores the same epistemological problem by another point of view, which consequences it could bring to the moral plane. Although Cassirer, in his intellectual production, has not explored that ethical case systematically, other problems coming through along the way in his

---

\* Doutor em Educação. Professor Titular na Universidade Paulista.

philosophical production adding important subsidies in this sense. For Cassirer, the human being is an *animal symbolicum*, a being that makes signs and symbols and, thus, builds the reality. Such fact implies, for him, the coexistence of equality valid different ways of understanding the world, different *symbolic forms*, as he names, for instance, the myth, the religion, the science. Thinking of ethics under the perspective of *Philosophy of symbolic forms* means considering the existence of such symbolic constructions, as well as the tolerance towards the consequent epistemological and axiological diversity, highlighting the paramount role of philosophy in this process.

**Keywords:** Cassirer. Kant. Symbolic forms. Myth-religion. Ethics.

## Introdução

Este artigo visa a propiciar uma contribuição à reflexão ética a partir da perspectiva filosófica de Cassirer. Assim, tem como fio condutor a filosofia cassireriana, em especial, as teses desenvolvidas nas suas duas últimas obras: *An essay on man [Ensaio sobre o homem]*, publicado em 1944 e *The myth of the State [O mito do Estado]*, publicado em 1946, escritas durante o período de exílio nos Estados Unidos. Ao refletir sobre essas duas obras, será necessário considerar seu trabalho anterior e mais amplo, os três volumes de sua *Filosofia das formas simbólicas*, escritos na década de 20 do séc. passado.

A *Filosofia das formas simbólicas* foi desenvolvida quando Cassirer era filiado ao neokantismo da Escola de Marburgo. Dessa forma, os problemas tratados nessa sua obra se inscrevem dentro da tradição do idealismo alemão e estão ligados diretamente ao movimento derivado dessa tradição, denominado *neokantismo*. O neokantismo tinha como proposta básica retomar e atualizar Kant. Os neokantianos têm como núcleo central do seu pensamento conceber a filosofia como uma reflexão sobre a ciência. Tomam a ciência como um *factum*, ou seja, a ciência é um ponto de vista inquestionável. Querem demonstrar que a ciência contém pressupostos ideais (*a priori*) e não empíricos e, dessa forma, suas reflexões discutem as condições de possibilidade da ciência.

Dentro da Escola de Marburgo, Cassirer acabará por representar seu sinal de dissolução. As reflexões de Cassirer, diante das novas mudanças epistemológicas da ciência, o conduzirão a uma nova filosofia, à sua *Filosofia das formas simbólicas*. A ciência vai cada vez mais perdendo sua condição de intuitividade e, em seu lugar, vão tomando importância as relações simbólicas. Dessa forma, se a ciência deixa de ser um conhecimento intuitivo e passa a

conhecer o mundo através de relações simbólicas não intuitivas, Cassirer se pergunta se não há outros modos culturais de conceber simbolicamente o mundo, que também sejam válidos. Sua resposta a essa questão encontra-se na sua *Filosofia das formas simbólicas*. Cassirer, nessa obra, reflete sobre a pluralidade das formas simbólicas, ou seja, os diversos modos igualmente válidos pelos quais se conhece simbolicamente o mundo.

### **A ampliação da revolução copernicana de Kant**

Cassirer parte da *revolução copernicana* de Kant, ou seja, da tese epistemológica que afirma que não são os sujeitos que se conformam aos objetos, mas que são esses que se conformam às faculdades do sujeito. Porém, Cassirer não aceita a limitação da objetividade à esfera da ciência. Argumenta ele que a ciência, como uma produção espontânea do sujeito, é apenas uma forma de objetivação em meio a outras. Assim, para Cassirer, a ciência não é concebida como uma forma de conhecimento privilegiada, que estaria acima de outras, mas no mesmo patamar de outras formas de objetivação produzidas pelos sujeitos. A ciência, juntamente com essas outras formas de objetivação, Cassirer denomina “formas simbólicas”.

Para Cassirer, em toda forma simbólica, há uma relação entre o signo e o significado, mas essa relação não se dá da mesma maneira entre as formas simbólicas, mas numa tripla graduação: expressividade, representação e significado. Na primeira, a relação de expressividade é típica do mito. Nessa relação, há uma identidade entre o signo e o significado. O signo se confunde com o significado, ambos estão fundidos. Os símbolos não representam a coisa, mas se confundem com ela; o nome e a imagem tomam o lugar e os atributos da própria coisa que designa. Esse fato está na base da experiência mágica com o mundo. Na segunda, a relação de representação é característica da linguagem. Há uma separação entre o signo e o significado. O nome está no lugar da coisa de forma convencional e serve para representá-la. Na terceira, a relação de significado é característica da ciência. Há uma independência entre o signo e o significado. Embora na relação de significado se utilizem signos, esses não permitem uma retradução em termos de elementos sensíveis. Existe uma autonomia do signo em relação ao mundo sensível; os signos se tornam uma espécie de “ficção”.

Segundo Cassirer, o material sensível é o ponto de partida comum das distintas formas simbólicas a partir do qual vão transformar a mera expressão sensível num conteúdo significativo dotado de sentido simbólico. Cada forma simbólica configura os conteúdos sensíveis na sua forma particular e

específica. Ao se designar um algo exterior por meio de um signo sonoro, se diferencia e se fixa um sentido determinado a um objeto específico. O signo sonoro não é apenas uma expressão da diversidade do exterior, mas a própria condição de possibilidade da organização interna das representações. Cassirer afirma, explicitamente, como formas simbólicas: o mito, a linguagem, a religião, a arte e a ciência.<sup>1</sup>

O elemento comum e constante em cada forma é a relação simbólica, isto é, a produção espontânea de signos ou símbolos na interpretação do real. O elemento que diferencia é a perspectiva distinta de cada forma simbólica individual na sua interpretação do real, ou seja, toda relação do sujeito com o mundo sensível se dá através do simbólico. O simbólico não representa um obstáculo entre o sujeito e o mundo, mas é a própria condição de possibilidade sem a qual não seria possível a apreensão do mesmo. As imagens e os signos pressupõem *energia espiritual*, isto é, espontaneidade do sujeito na produção das configurações simbólicas. A diversidade de ditas configurações resulta em diferentes formas simbólicas de concepção de mundo e diferentes modos de conhecimento.

### **Consequências da *ampliação* cassireriana da *inversão kantiana* aplicadas na esfera moral**

Deve-se considerar que tanto a epistemologia de Kant como a de Cassirer fazem uma reflexão sobre a ciência de suas respectivas épocas, e como a situação da ciência não é a mesma para cada um deles, suas respostas também são distintas. Tal fato é a base pela qual Cassirer critica a limitação da objetividade kantiana à esfera da ciência, ou seja, para Cassirer a ciência passa a ser concebida como construção simbólica e, como tal, não é a única, já que há outras formas de se construir simbolicamente a realidade. Dessa maneira, suas duas principais teses são: 1) todo modo de compreensão do mundo está mediado por um sistema simbólico; e 2) há diferentes modos de compreensão do mundo igualmente válidos. O problema que se busca discutir é: se Kant ao discutir o problema teórico buscava fundamentar o problema prático, e, se Cassirer faz uma *ampliação* da *inversão kantiana* na esfera do problema teórico, quais são as consequências disso para a questão prática? Dito de outra forma: a concepção epistemológica de Kant

---

<sup>1</sup> O problema de incluir outras formas simbólicas nessa lista demandaria uma longa abordagem que não é o objetivo central deste estudo. Em relação à ética como forma simbólica, vide considerações posteriores.

busca fundamentar uma ética. Se Cassirer *amplia* a concepção epistemológica de Kant, quais são as consequências que isso acarreta para a ética? O problema ético na filosofia de Cassirer irá se tornar uma preocupação central, segundo Krois (1987), após a publicação de sua *Filosofia das formas simbólicas*. Cassirer desenvolverá sua teoria em ensaios, conferências e, mais especificamente, no seu trabalho sobre o filósofo sueco Axel Hägerström. É nesse trabalho que Cassirer irá avançar na sua própria concepção ética, justamente para se contrapor a uma doutrina ética que nega não só a ética kantiana, mas a validade de todo e qualquer valor. (KROIS, 1987, p. 153). Vejamos a questão moral na perspectiva das formas simbólicas de Cassirer.

### A questão moral na perspectiva das formas simbólicas

Segundo explica Cassirer, em *Axel Hägerström: eine studie zur schwedischen philosophie der gegenwart* (1939), o estudo da ética não pode ser separado da análise da realidade cultural na qual os seres humanos vivem. Para ele, não se pode dizer que o homem possui uma natureza moral, se for entendida a moral como uma ação que pressupõe reflexão e deliberação responsável. Tal afirmação, segundo ele, constituiria um anacronismo inaceitável. Cassirer exemplifica que a moralidade das comunidades mítico-religiosas segue princípios diferentes de uma concepção ética racional.

A moralidade, enfatiza Cassirer, relaciona-se à ação social, ou seja, ao ser coletivo e não ao individual, portanto, deve ser analisada nessa perspectiva. Ele expõe que o homem como ser social

faz parte de uma comunidade e dela ele recebe as regras que determinam suas ações. Quanto mais olhamos para trás na história do desenvolvimento, mais percebemos a força desta obrigação que a comunidade exige dele. Em primeiro lugar, o costume e o hábito parecem ser a única coisa objetiva e perante essa forma de objetividade não há nenhuma liberdade ou espontaneidade. Mas aqui também se inicia um processo que gradualmente afrouxa a algema. (1939, p. 78).

Enquanto uma sociedade está fechada em si mesma, predomina uma tendência conservadora e, assim, não sofre questionamentos, portanto, não há problemas éticos. Uma sociedade isolada, quando se confronta com outras sociedades e outros costumes, passa a encarar o problema moral, uma vez que se depara com hábitos e valores diferentes.

Para Cassirer, do mesmo modo que há diferentes construções epistemológicas, há também diferentes construções axiológicas. E do mesmo modo que cada uma das formas simbólicas julga-se a única verdadeira no âmbito do conhecimento, o mesmo se repete no âmbito dos valores, desencadeando antinomias na esfera moral. Daí a necessidade de pensar uma ética na perspectiva das formas simbólicas e que aponte caminhos para a coexistência de diferentes construções valorativas.

Segundo Krois, no seu estudo sobre Cassirer, *Symbolic forms and history*, pode-se afirmar que, no sistema cassireriano, a ética é uma forma simbólica, e sua teoria ética compreende uma teoria da consciência moral que concebe distintos estágios de pensamento moral. Em suas palavras:

Para Cassirer o ponto de vista ético é uma forma simbólica. Dentro desta forma simbólica ele distingue entre moralidade social (*Sittlichkeit*) e lei (*Recht*). A teoria ética de Cassirer inclui uma teoria de consciência moral que identifica fases diferentes de pensamento moral (quer dizer, níveis diferentes de critérios pelo qual [sic] são julgadas ações de um ponto de vista moral) e uma teoria normativa do dever [*ought*] centrada na doutrina de lei natural de direitos humanos inalienáveis. (1987, p. 142).

Conforme Cassirer, a moral não é uma invenção da filosofia; o mito e a religião, muito antes, já forneciam as primeiras concepções de conduta moral a serem seguidas pelos homens. A filosofia é uma etapa posterior que vai buscar estabelecer normas éticas gerais de caráter universal. Busca compreender a questão moral entendendo suas origens mítico-religiosas na perspectiva de sua *Filosofia das formas simbólicas*. Ele diferencia três fases da consciência moral: a mimética, a analógica e a puramente simbólica. (KROIS, 1987, p. 144). Serão vistas cada uma dessas fases a seguir:

### A fase mimética

O mito não é apenas um sistema de credos dogmáticos; é uma forma de vida que é regulado por meio de uma rígida moralidade. Em *Ensaio sobre o homem* (1994), Cassirer aborda o sistema de tabus que impõe ao homem uma série de obrigações e deveres. Apesar de ser uma forma de regular a vida social, esse sistema tem um caráter puramente negativo. Não há espaço para deliberações individuais, pois tudo é regulado e prescrito de

forma especial. Comer, andar, falar, ter relações sexuais, etc. estão submetidos a regras específicas. Os tabus devem ser seguidos, caso contrário, a cólera divina ou demoníaca será desencadeada e, uma vez que isso ocorra, o castigo não será restrito apenas àquele que cometeu a quebra do tabu, mas a todos. Há uma narrativa mítica que explica a origem do mundo e das coisas e, dessa forma, justifica o sistema de tabus, mas não há uma justificativa moral baseada em reflexão e argumentos. O mito é impermeável à reflexão crítica. A ação dos sujeitos míticos possui uma natureza sagrada e compreende uma temporalidade especial. É a temporalidade dos atos primordiais dos deuses e heróis. Essas ações primordiais, ou realidades originais, devem ser sempre reatualizadas por meio de rituais específicos.

Cassirer, em *Ensaio sobre o homem* (1994), esclarece que o sistema de tabus, embora seja, por um lado, uma importante forma de regular as ações humanas e a vida social, por outro, ameaça paralisar a vida com suas restrições, já que, em alguns casos, não se pode comer determinados alimentos, andar ou ficar parado em determinados locais ou pronunciar tais palavras. O sistema de tabus obriga o homem a uma série de deveres e de obrigações. E entre esses há de comum o fato de serem totalmente negativos, sem nenhum caráter positivo. Seu fio condutor é a proibição e, conseqüentemente, o medo derivado desse, a obediência passiva. Portanto, a moral que existe no mito não se funda em responsabilidade individual, posto que essa pressupõe uma forma de consciência que o pensamento mítico desconhece.

Cassirer identifica uma mudança de sentido da consciência mítica nas tragédias gregas. Ele exemplifica com o ato final de *As Eumênides*, de Ésquilo, quando as fúrias Erínias ficam mais gentis. Orestes matou a mãe por vingança por ela ter assassinado seu pai Agamenon. As Erínias são demônios que castigavam os criminosos e, quando elas perseguiam Orestes, Atena interveio e as convenceu a não interferirem, pois ele havia sido julgado e absolvido pelos atenienses. Orestes foi julgado pela *dike*, pela justiça humana e não mais pela justiça demoníaca cega. Cassirer identifica em *As Eumênides* uma interferência dos deuses mais novos – Atena e Apolo – que subjagam os deuses mais velhos – as Erínias. Trata-se de uma dramatização que exemplifica a luta por uma nova moralidade. Uma moralidade que faz do indivíduo um ser responsável por seus atos implica lutar contra o mito.

## A fase analógica

A fase analógica é típica do pensamento religioso. Embora exista um entrelaçamento da religião com o mito, não obstante, há também um direcionamento diferente em ambos. No pensamento mítico, nada escapa à força do mito. As imagens, os símbolos, os nomes, etc. não são apenas a representação de algo, mas são dotados dos mesmos poderes daquilo que representam: poderes malignos ou benignos. Nas religiões monoteístas – Zoroastrismo, Judaísmo, Cristianismo – há uma superação dessa condição. Imagens, símbolos, nomes, etc. não são mais identificados com a própria divindade, mas como representações. Em *Filosofia das formas simbólicas II*, Cassirer cita a crítica que Isaías (44-9) faz à adoração de imagens: “Parte da lenha queima no fogo. [...] E transforma sua sobra em um deus, em sua escultura; humilha-se diante dela, adora, e roga dizendo: livra-me, que meu deus és tu [...]. Diante de um tronco de árvore tenho de me humilhar?” (1998b, p. 295).

No pensamento religioso não se concebe, como no pensamento mítico, que a imagem é o próprio deus e, como tal, é dotada de poderes, mas que a imagem apenas representa ou remete ao deus ou à divindade.

No pensamento religioso há uma nova relação entre o homem e o divino. O que passa a ser importante para o homem é o discernimento entre o bem e o mal. A pureza ou impureza deixa de residir mecanicamente nos objetos, como no pensamento mítico, para se concentrar no coração, é o coração que deve ser puro. Na religião, não há como no mito apenas um sentido negativo de proibições, como no sistema de tabus. Há um sentido positivo na ação humana, já que o homem assume uma responsabilidade perante Deus. Para Cassirer, as grandes religiões transformam essa submissão passiva do sistema de tabus em um sentimento positivo.

Esse ideal positivo de liberdade humana está pautado na concepção de que o ser humano é dotado de livre-arbítrio, ou seja, é capaz de refletir sobre o bem e o mal, fazer escolhas e ser responsável por elas. Sua relação com o divino deixa de ser regulada pelo medo ou pela tentativa de manipulação por meio da magia para se tornar uma relação ética. Nessa relação utiliza o *lógos* para entender o divino e praticar a virtude. Conforme expõe Cassirer no *Ensaio sobre o homem*,

o sentido ético substituiu e superou o sentido mágico. Toda a vida do homem torna-se uma luta ininterrupta em prol da virtude. A tríade de “bons pensamentos, boas palavras e boas ações” tem o

papel mais importante nessa luta. O divino não é mais procurado ou abordado por poderes mágicos, mas pelo poder da virtude. (1994, p. 166).

A conduta humana assume uma nova temporalidade. Enquanto no mito o passado é fundamental, e o presente é uma atualização do passado, na religião o futuro passa a ser mais importante que o passado. O homem se depara com uma provação ética em relação ao futuro. A lei ética é uma lei revelada pelo Criador divino e exige submissão. Essas leis são transformadas em textos sagrados em oposição à tradição oral do mito. Dessa forma, o indivíduo se compromete a ser responsável em seguir um testamento divino revelado. Diferentemente do mito em que não há a responsabilidade individual, aqui a atitude moral em seguir a vontade de Deus depende de deliberação pessoal.

### **A fase puramente simbólica**

É na fase puramente simbólica que ocorre um distanciamento radical entre o símbolo criado e a realidade. Os símbolos se tornam construções abstratas para explicar o real e não podem ser retraduzidos em termos de realidade sensível. Krois (1987) explica que é na esfera da consciência moral que essa tensão entre realidade e símbolo é levada ao extremo na concepção filosófica da diferença entre dever [*ought*] e ser [*is*]. Para Cassirer, essa questão remonta à Grécia antiga, especialmente a Sócrates, que foi o primeiro a desenvolver a questão da consciência moral diferenciando a moral em vigor [*Sitte*] e a verdadeira moralidade [*Sittlichkeit*], colocando a pergunta fundamental sobre o dever ser e por quê? Para Cassirer o pensamento filosófico inicia com a busca dos princípios de verdade e moralidade. A busca por critérios objetivos de verdade e a busca por uma moral objetiva são características de uma mesma postura filosófica. (KROIS, 1987, p. 151). O pensamento filosófico não permanece satisfeito com os valores herdados pela tradição; passa a investigar a diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado, etc., buscando normas objetivas e válidas universalmente. Para Cassirer, é aí que se encontra a fase “puramente simbólica” do pensamento moral. Essa fase puramente simbólica do pensamento moral é identificada com a ideia de lei natural.

Na sua exposição, Cassirer demonstra acordo em relação à ideia de direito natural, já que mesmo um contrato social não pode suprimir o direito natural anterior, intrínseco a cada ser humano: o direito à

personalidade, o direito de fazer escolhas. Para Cassirer a doutrina do direito natural é fundamental para o Estado secular moderno, é garantia de que mesmo um contrato social não viola um direito natural e também é condição de possibilidade de uma ética universal.

No seu livro *La filosofía de la Ilustración*, Cassirer refere como a bandeira do direito natural permaneceu presente na filosofia das luzes, já que essa, ao travar sua luta contra o poder da tradição e da autoridade, retoma a questão do direito. Mas a *Ilustração* não se limita ao aspecto histórico da questão; discutirá e defenderá o direito que nasce junto com cada indivíduo. Daí estabelece um diálogo com a herança intelectual mais antiga. As teses discutidas por Sócrates e Transímaco em *A República* de Platão, a respeito da relação entre direito e força, retornam novamente, *mutatis mutandis*, na *Ilustração*.

A luta para fundamentar o moderno direito natural se leva a cabo nesta dupla frente. Luta que tem que se endereçar contra a concepção teocrática, contra a derivação do direito de uma vontade divina, em definitiva irracional, inacessível e impenetrável para a razão humana, e contra o “Estado Leviatã”. (1997, p. 266).

Na frente teológica, deve combater a tese que todo direito está embasado no poder divino, e que esse é incondicionado e responsável pela condenação e salvação das almas. Grócio, segundo Cassirer, defende que o princípio do direito natural continuaria válido até mesmo se não existisse Deus. Na frente estatal, deve combater a concepção da onipotência do Estado, que todo poder emana dele e deve ser incondicionalmente aceito, como no caso da tese de Hobbes em que o contrato social dota de um poder despótico o soberano. A concepção de Grócio de direito natural irá se opor a ambas as concepções e defender que existe um direito natural anterior ao divino e ao político.

Para Cassirer, há um ponto comum na *Ilustração* em relação aos direitos naturais: “A filosofia francesa do século XVIII não havia inventado a ideia dos direitos inalienáveis, mas é a primeira que os converteu em um verdadeiro *evangelho moral*, defendendo-a e propagando-a com entusiasmo.” (1997, p. 278).

A concepção de Cassirer acerca dos direitos humanos tem uma inspiração substancial nas ideias do século XVIII, mas não se trata de uma mera

transposição das mesmas. Cassirer apresenta uma nova justificativa para tal doutrina. Segundo Krois,

a concepção dele do homem como animal *symbolicum* permite reinterpretar a noção de “decisão geral” (a direção da consciência para o futuro) como algo universal, surgindo pelo uso de linguagem. “*Symbolicum animal*” é o nome de Cassirer para a humanidade universal que se justifica concebendo direitos humanos. (1987, p. 169).

Na lição de Cassirer, a linguagem é o elemento comum no qual a vida social depende e se desenvolve. É o fundamento da organização da sociedade e a condição para a existência de acordos contratuais entre seus membros. Por esse enfoque priorizando a linguagem como base da comunidade, ele se opõe à concepção hegeliana da supremacia do Estado. De acordo com Cassirer, a linguagem está na base para que o indivíduo possa se tornar um ser livre e autorresponsável. A linguagem, nas palavras de Krois,

é a base na qual o indivíduo se torna um agente moral autorresponsável. Cassirer não reivindica que todas as pessoas são autorresponsáveis ou até mesmo que todo o mundo pessoalmente deseja liberdade. “Liberdade não é a herança natural do homem. Para possuir isto nós temos que criar isto. Se o homem simplesmente fosse seguir os instintos naturais dele que ele não se esforçaria para liberdade, ele escolheria dependência. Obviamente, é muito mais fácil depender de outros que pensar, julgar, e decidir para si mesmo” (MS, 288). O ponto de Cassirer é que como animal *symbolicum* o homem não vive pelos perdidos instintos naturais dele, e entretanto o homem pode fugir da responsabilidade e isto é um ato de autodestruição. (1987, p. 169).

Segundo Krois, o único direito humano que Cassirer defende explicitamente é o direito “para manter e desenvolver a própria personalidade”, e ele acrescenta que “este direito fundamental, o direito para personalidade, inclui de certo modo todos os outros” (1987, p. 169). O desenvolvimento da própria personalidade representa a elevação do grau de humanização do ser humano. Implica o cumprimento do imperativo de Píndaro: “Torna-te o que és.” Dessa forma, está pressuposto que o *animal*

*symbolicum* é um ser inacabado, um ser em constante formação que precisa se autoconstruir para atualizar suas potencialidades latentes. Para Krois, isso significa que Cassirer, ao defender o direito à personalidade, pensava mais além, já que nesse direito estariam incluídos também outros direitos básicos para a vida humana, como os relacionados ao corpo e à mente. (1987, p. 169).

Segundo Krois, “Cassirer acredita que a doutrina da lei natural de direitos humanos provê as únicas éticas universais disponíveis. A própria teoria ética dele é uma justificação da doutrina de direitos humanos por meio da filosofia de formas simbólicas”. (1987, p. 151). Esse autor esclarece que a ação moral pressupõe que a pessoa pode agir de forma livre e ser autorresponsável pelas suas escolhas. Dessa maneira, em cada uma das fases abordadas acima, há uma correlação entre o *eu* (*sense of self*) e o padrão ético. No mito há um sentimento onipresente de que todos são comandados pelo destino. Na religião há constantes conflitos em relação ao problema da livre decisão diante de um Deus onipotente e onisciente. A filosofia, desde Platão, discute que é próprio do homem ser livre e poder escolher sua ação, mas que mesmo nessa disciplina essa defesa vem perdendo terreno. Krois esclarece que

Cassirer não reivindica que a fenomenologia da consciência moral descreve um desenvolvimento que tem que acontecer, mas somente que há uma tal coisa como uma forma puramente simbólica de pensamento moral e que é possível para [a] consciência moral atingir e aplicar tal critério universal. (1987, p. 152).

Por outro lado, Cassirer lembra que não seria possível pensar os direitos humanos limitados a lugares e tempos específicos, porque para ele, embora haja diversidade cultural, ela é concebida no seu conjunto como uma única cultura humana o que implica um caráter universal para a mesma. Nesse viés não é possível aceitar restrições ao campo de abrangência dos direitos humanos.

### Concepção de liberdade

Embora Cassirer conceba, na sua *Filosofia das formas simbólicas*, que toda forma simbólica tem o mesmo valor, também admite que há um progressivo avanço em relação à liberdade humana. O homem se torna, através das fases mimética, analógica e simbólica, cada vez mais consciente

da sua produção autônoma do simbólico e, conseqüentemente, da sua liberdade. Daí que para Cassirer, a cultura humana vista em seu conjunto é concebida como um processo de autolibertação do homem. No fim do seu *Ensaio sobre o homem*, encontramos esta declaração:

Tomada como um todo, a cultura humana pode ser descrita como o processo da progressiva auto-libertação do homem. A linguagem, a arte, a religião e a ciência são várias fases desse processo. Em todas elas o homem descobre e experimenta um novo poder – o poder de construir um mundo só dele, um mundo “ideal”. (1994, p. 371).

Essa autolibertação a que Cassirer se refere é a capacidade humana de pensar um outro mundo, um mundo ideal e perseguir esse objetivo.

Krois considera que a ideia de liberação do homem é um elemento básico na *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer, pois o homem, sendo animal simbólico, se liberta da estreiteza de uma existência orgânica e consegue conservar e transmitir os conteúdos da cultura para outras gerações. Mas Krois adverte que a ideia de liberação de Cassirer não deve ser entendida como uma ideia de progresso, pois que essa, tal como entendia o *esclarecimento*, concebia que, por meio da utilização dos métodos racionais e científicos aplicados em vários aspectos da vida humana, se alcançaria uma melhoria geral, tanto social quanto moral. O que Cassirer enfatiza na sua perspectiva de liberação do homem é a sua atividade, a sua possibilidade de autonomia de ação.

A sua *Filosofia das formas simbólicas*, embora se encontre no espírito do *esclarecimento*, não defende um princípio de progresso, em que as formas simbólicas se sobreporiam umas às outras e o próprio mito seria superado e eliminado. Não se atinge um estágio de pura organização racional; o que existe é um constante conflito entre as formas simbólicas e, principalmente, entre a concepção mítica e a não mítica do mundo. Essa concepção também se confirma em *O mito do Estado* (1976), obra em que Cassirer mostra que o mito nunca é eliminado totalmente da vida social, porque o homem não é exclusivamente um ser racional, tem potencial racional, mas é primariamente simbólico. Logo, as formas simbólicas contribuem de diferentes modos para a liberação do ser humano, embora não ocorra o desaparecimento de nenhuma delas, nem haja um processo de evolução

linear, elas possibilitam o aumento da capacidade humana em testar sua liberdade.

A liberdade do homem pressupõe reconhecer-se como criador de seu próprio mundo. À medida que se reconhece como criador, é consciente da sua liberdade de agir e da sua responsabilidade; mas acontece que, adverte Cassirer, a liberdade não é simplesmente uma dádiva do céu concedida gratuitamente, ou algo que pertença intrinsecamente à natureza humana. A liberdade deve ser conquistada, exercitada e mantida, o que para muitos se torna um fardo e não um privilégio.<sup>2</sup>

### **Cassirer: ampliação da ética kantiana?**

É possível afirmar que Cassirer *ampliou* a ética kantiana? Ou ainda, em primeiro lugar, é possível falar de uma ética cassireriana? A concepção ética de Cassirer deixa certas lacunas. Apesar disso, Cassirer aborda o problema moral na perspectiva de sua *Filosofia das formas simbólicas*, ou seja, o problema passa a ser analisado numa perspectiva mais ampla. Enquanto Kant privilegia uma ética produzida pelo sujeito racional, como a única válida para ser universalizada, Cassirer aborda que há outras concepções morais também válidas como construções simbólicas. Dessa forma, a perspectiva ética kantiana é confrontada com a perspectiva de Cassirer: como uma ética racional universal, pode ser possível diante da diversidade epistêmica e axiológica?

Retomando-se as principais teses de Cassirer: 1) a moral não é uma invenção da filosofia, ou seja, concepções morais existem antes da filosofia; 2) mito e religião produziram as primeiras concepções morais; 3) porém, ambas não são passíveis de serem universalizadas, ou seja, a moral do mito e a moral da religião são dogmáticas e fechadas em si mesmas; 4) é no âmbito da filosofia que se encontra uma concepção moral universalizável, ou seja, a filosofia não se fundamenta em uma moral empiricamente dada, mas ela busca pensar uma moral ideal passível de universalização; e 5) identificação da fase puramente simbólica do pensamento moral com a ideia de lei natural.

---

<sup>2</sup> Em *O mito do Estado*, Cassirer cita o relato de Stephen Raushenbush que, ao se lamentar com um merceiro alemão da perda das liberdades políticas com a ascensão de Hitler, obteve a seguinte replica: “Mas você, afinal, não compreendeu nada. Antes dessa situação tínhamos de nos preocupar com eleições, partidos, votos. Tínhamos responsabilidades. Mas agora tudo isso acabou. Agora somos livres.” (1976, p. 306).

Diante do exposto, pode-se deduzir o seguinte: a ideia de lei natural – válida para todos os seres humanos – pressupõe a ideia de uma natureza humana. É possível falar de natureza humana para Cassirer? Se for, de qual forma?

Em seu *Ensaio sobre o homem* (1994), Cassirer dedica a sua primeira parte a responder à questão: “O que é o homem?” E uma resposta sintética para essa pergunta é “o homem é um *animal symbolicum*”, daí que sua concepção de natureza humana não se encontra num estrato substancial, mas numa perspectiva funcional. Ou seja, o ser humano, sendo animal simbólico, constrói interpretações para a realidade em diferentes perspectivas. Na sua *Filosofia das formas simbólicas I*, ele esclarece que

as diferentes criações da cultura espiritual – a linguagem, o conhecimento científico, o mito, a arte, a religião – em toda sua diversidade interna, tornam-se partes de um único grande complexo de problemas, tornam-se impulsos múltiplos que se referem todos à mesma meta: transformar o mundo passivo das meras impressões [...] em um mundo da pura *expressão* espiritual. (1998a, p. 21).

Cassirer pensa a ética na perspectiva do animal simbólico que constrói a realidade. Em *Ensaio sobre o homem*, ele enfatiza que a ética não é um mero dado da realidade, e essa é justamente a natureza do pensamento ético: o não se contentar com o mero “dado”. “O mundo ético nunca é dado; está sempre em processo de ser feito.” (1994, p. 103). Cassirer quer deixar claro que o pensamento ético é uma construção simbólica consciente, porém, num primeiro momento, irreal. Enquanto a moral se assenta nos costumes, na realidade dada, a ética irá refletir sobre esses fundamentos da moral, vai pensar num outro mundo possível. Cassirer aposta no potencial do ser humano em projetar um outro mundo possível, mesmo que, em princípio, esse mundo possa parecer algo distante da realidade.

### A ética na perspectiva de Cassirer

Como já foi considerado, Cassirer não chegou a desenvolver plenamente uma teoria ética, mas é possível extrair dos seus escritos os pressupostos para uma reflexão nesse sentido. Cassirer privilegia a definição de ser humano como ser criativo, um ser que constrói seu mundo a partir do simbólico, mesmo que, em alguns momentos, não tenha consciência de sua atividade criativa. Segundo ele, essa é a característica mais primária que diferencia o

homem dos outros seres vivos. A racionalidade é uma potencialidade que o homem irá desenvolver posteriormente e que depende do simbólico.

É a partir da relação simbólica que o ser humano estabelece com o mundo que ele irá se tornar um ser político, um ser racional, um ser que transforma seu mundo de forma consciente. O mundo é construído tendo como base a relação simbólica que o homem estabelece com ele. Quando o ser humano nasce, encontra um mundo *já pronto*, um mundo que foi construído pelas gerações que o antecederam. Diferentes mundos culturais revelam diferentes respostas dadas pelos seres humanos na construção, manutenção e reprodução de sua existência, daí que a diversidade cultural é o resultado da liberdade criativa do ser humano.

Cassirer apontou à validade das diferentes visões de mundo, pois todas são respostas dadas ao problema da existência humana. Tanto no âmbito epistemológico como no âmbito axiológico, são produzidas diferentes respostas que possuem sua lógica interna válida. Ele também enfatizou que cada forma cultural tende a se julgar como a única verdadeira ou a mais correta. Isso é fácil de compreender já que as pessoas são educadas de acordo com os valores da sua cultura, do que é certo, errado, bonito, feio, etc. Por sua vez, tendem a julgar as outras culturas de acordo com os seus próprios parâmetros, numa visão etnocêntrica.

Os seres humanos criam a partir do simbólico diferentes mundos culturais. As diferentes visões de mundo levam às chamadas antinomias da cultura. Daí a questão: é possível uma ética que contemple a diversidade de visões de mundo? Cassirer aposta na filosofia como a esfera mais apta a buscar solução para esse problema. Como isso é possível? Em seu *Ensaio sobre o homem*, encontramos a seguinte afirmação:

A filosofia não pode renunciar à sua busca por uma unidade fundamental nesse mundo ideal; mas não confunde essa unidade com simplicidade. Ela não menospreza as tensões e atritos, os fortes contrastes e profundos conflitos entre os vários poderes do homem. Estes não podem ser reduzidos a um denominador comum. Tendem para direções diferentes e obedecem a princípios diferentes. Mas essa multiplicidade e disparidade não denotam discórdia ou desarmonia. Todas essas funções completam-se e complementam-se entre si. Cada uma delas abre um novo horizonte e mostra-nos um novo aspecto da humanidade. (1994, p. 372).

Mas qual é a “unidade fundamental desse mundo ideal”? É a função simbólica criativa que perpassa todas as formas simbólicas. Apesar das diferenças específicas, há essa função simbólica comum a todas elas. As diversas produções, mesmo com os conflitos inerentes, não devem ser vistas como um problema insolúvel.

Na perspectiva de Cassirer, as diferentes criações da cultura humana revelam a diversa capacidade criativa dos seres humanos. Essas diferentes criações não significam discórdia ou desarmonia, vistas como um todo, são complementares: “Harmonia na contrariedade, como no caso do arco e da lira.” (1994, p. 372).

A metáfora de Heráclito que Cassirer usa nas últimas linhas do seu *Ensaio sobre o homem* revela uma concepção dialética da cultura humana, com espaço para uma existência simultânea de diferentes visões numa dinâmica entre as forças de conservação e transformação.

Segundo Cassirer, é tarefa da filosofia da cultura entender essas diferentes manifestações. Ele entendeu a filosofia do século XX falhando no seu dever. A filosofia não refletiu sobre os problemas fundamentais que culminaram com a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Segundo ele, uma crise epistemológica se refletiu numa crise política e social. O poder simbólico que caracteriza o ser humano pode ser utilizado para sua manipulação ou para projetar e buscar um mundo ideal.

Para Cassirer, a ética é pensada como possibilidade de se criar essa idealidade. Essa construção, a princípio ideal, deve garantir: a) a manifestação das diferentes formas simbólicas; e b) a não destruição e agressão de uma por outra.

É na perspectiva da filosofia das formas simbólicas que essa ética deve ser pensada. Para isso devem ser considerados os seguintes pressupostos: as diferentes formas simbólicas são manifestações da espontaneidade humana, portanto, elas continuarão coexistindo e nunca se atingirá o estágio de pura organização racional. Não há diferença de valor entre as diferentes construções da realidade, mas há diferença em relação à consciência da atividade criativa, ou seja, em relação à liberdade humana. A ética pressupõe liberdade, e liberdade pressupõe autonomia responsável. A moral do mito não é passível de ser universalizada, pois se trata de uma moral negativa e coletiva, que não se funda em responsabilidade individual e nem é consciente de sua atividade criativa. A moral religiosa, embora haja deliberação pessoal, apoia-se em uma verdade revelada pelo Criador divino e exige submissão. Seu embasamento encontra-se no mandamento divino que se converte em

dogma e, dessa forma, compromete a sua universalização. Na filosofia temos a esfera mais apta para se pensar uma ética universalizável em razão das características da reflexão profunda e abrangente que realiza.

O que temos na filosofia de Cassirer é a coexistência de diferentes visões de mundo irreduzíveis. Há diferentes visões valorativas. Daí pensar numa ética racional universal não seria uma contradição?

Na perspectiva de Cassirer, não se pode esperar que haja uma visão única em relação aos valores, pois não se pode eliminar a existência e coexistência das diferentes visões. Daí que a filosofia da cultura deve ter no seu horizonte a coexistência dessas diferentes manifestações espirituais. Assim, a filosofia da cultura deve compreender as diferentes formas simbólicas, buscar o elemento comum para embasar uma ética. Para Cassirer, o núcleo comum encontra-se na própria natureza humana. O ser humano, em sendo animal simbólico, constrói diferentes cosmos explicativos para a realidade. Para o ser humano poder se autoconstruir por diferentes perspectivas, devem existir garantias fundamentais que permitam o *vir-a-ser* dessas diversas linhas que partem do centro comum que é o simbólico. Essas garantias para Cassirer encontram-se nos direitos naturais e nos direitos humanos, que devem ser válidos independentemente das particularidades.

O fato de uma ética racional universalizável apresentar dificuldades em sua implantação, não significa que ela não seja desejável e possível, haja vista que:

- 1) é na defesa da teoria dos direitos naturais e dos direitos humanos que encontramos o núcleo duro da ética de Cassirer;
- 2) esses direitos devem ser garantidos a todos, independentemente da diversidade cultural; e
- 3) é a existência desses direitos que garante o imperativo fundamental cassireriano: que cada um possa desenvolver e manter sua própria personalidade.

Ou seja, que cada um possa se tornar *o que pode ser*, isto é, desenvolver as potencialidades inerentes à sua pessoa, potencialidades essas que, para aflorarem plenamente, dependem de um contexto em que o ser humano

seja tratado como fim em si mesmo e nunca como meio. Aqui temos o ponto comum com o imperativo kantiano: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio.” (1980, p. 135). É o respeito e a concretização desse imperativo que possibilita, ao mesmo tempo:

- (a) a manifestação das diferentes formas simbólicas;
- (b) a não destruição de uma por outras ou vice-versa; e
- (c) o desenvolvimento de diferentes personalidades.

Dessa forma, temos uma relação de simetria e assimetria entre as formas simbólicas e também entre a ética cassireriana e a ética kantiana. Entre as formas simbólicas, a simetria encontra-se justamente no fato de que todas buscam e produzem respostas aos problemas humanos enfrentados. Já a assimetria encontra-se na forma que as respostas são produzidas, nos conteúdos específicos das respostas e, ainda, no grau de consciência dessa atividade criativa. Assim, Cassirer considera que todas são válidas do ponto de vista da espontaneidade dos sujeitos, em que resultou sua diferença epistemológica com Kant e sua *ampliação* da inversão copernicana kantiana.

No âmbito moral, a simetria encontra-se na concordância de Cassirer com o segundo imperativo kantiano, citado acima, de tratar a humanidade como fim, já que esse é a garantia para Cassirer que cada um pode desenvolver sua personalidade. Em relação ao primeiro imperativo: “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal” (KANT, 1980, p. 129) – na perspectiva de Cassirer, embora esse imperativo possa ser desejável, não pode ser universalizado devido às especificidades axiológicas das diferentes formas simbólicas, ou seja, do ponto de vista do mito e da religião, não é possível exigir uma resposta puramente racional, uma ordem da razão como pressupõe o imperativo. Assim é necessário o reconhecimento que há assimetrias que são justamente aquelas inerentes à pluralidade epistemológica e axiológica, mas que, por outro, podem conviver em harmonia, uma “harmonia na contrariedade”, como afirma Cassirer, desde que haja uma simetria dada pelos direitos humanos. Assim, os direitos humanos funcionam como o núcleo duro da ética de Cassirer, pois eles garantem a manifestação da pluralidade das formas simbólicas.

Não existem problemas de fácil solução no âmbito da cultura humana e da ética, e a forma como Cassirer termina seus dois últimos livros – *Ensaio sobre o homem* e *O mito do Estado* – é reveladora das dificuldades em apontar soluções para os problemas analisados. Em *Ensaio sobre o homem*, nas suas últimas linhas, o autor recorre à metáfora de Heráclito para explicar a dinâmica múltipla da cultura humana: “O dissonante está em harmonia consigo mesmo; os contrários não são mutuamente exclusivos, mas interdependentes: Harmonia na contrariedade, como no caso do arco e da lira.” (1994, p. 372).

Já em *O mito do Estado*, o autor termina com o mito babilônico de Marduk para ilustrar sua concepção de processo cultural. O deus Marduk, para criar o mundo, teve antes que lutar e vencer os dragões das trevas e a serpente Tiamat:

Matou Tiamat e prendeu os dragões. Dos membros do monstro Tiamat formou o mundo e deu-lhe a sua forma e a sua ordem. Fez o céu e a Terra, as constelações e os planetas e fixou os seus movimentos. O seu trabalho final foi a criação do homem. Assim nasceu a ordem cósmica do caos primitivo, e pelos séculos sem fim se conservará. (1976, p. 315).

Platão também recorria a metáforas e alegorias como recurso didático ou diante das dificuldades de explorar seus temas de forma mais objetiva. O pensamento mítico é o extrato simbólico e valorativo mais primário a partir do qual foram se configurando outras abordagens do real, sem, no entanto, suprimir esse extrato originário. A reflexão filosófica deve possibilitar escutar a “harmonia oculta”, como diz Cassirer, do conjunto da cultura humana, produto da contrariedade entre “o arco e a lira”.

Neste artigo buscou-se explicitar o que estava implícito no pensamento de Cassirer e também agregar reflexões a partir de sua filosofia com o objetivo de contribuir para o debate sobre alguns problemas fundamentais da cultura humana e do pensamento ético. As diferentes formas simbólicas e as diferentes visões de mundo continuarão coexistindo e, dessa forma, permanece também o desafio de buscar a harmonia na contrariedade diante da pluralidade epistemológica e axiológica.

## Referências

CASSIRER, Ernst. *Kant, vida y doctrina*. Trad. de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

\_\_\_\_\_. *Filosofia de las formas simbólicas I: el lenguaje*. Trad. de Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998a.

\_\_\_\_\_. *Filosofia de las formas simbólicas II: el pensamiento mítico*. Trad. de Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998b.

\_\_\_\_\_. *Filosofia de las formas simbólicas III: fenomenología del reconocimiento*. Trad. de Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998c.

\_\_\_\_\_. *Linguagem, mito e religião*. Trad. de Rui Reininho. Porto: Rés-Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. Disputación de Davos entre Ernst Cassirer y Martin Heidegger. In: HEIDEGGER, Martin. *Kant y el problema de la metafísica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 211-226.

\_\_\_\_\_. *La filosofía de la Ilustración*. Trad. de Eúgenio Ímaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

\_\_\_\_\_. *Axel Hägerström: eine studie zur schwedischen philosophie der gegenwart*. Göteborg: Wettergren & Kerbers Förlag, 1939.

\_\_\_\_\_. *Las ciencias de la cultura*. Trad. de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

\_\_\_\_\_. *An essay on man: an introduction to a philosophy of human culture*. New Haven and London: Yale University Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad. de Tomas Rosa Bueno. São Paulo: M. Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. *The myth of the State*. New Haven London: Yale University Press, 1973.

\_\_\_\_\_. *O mito do Estado*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. *Esencia y efecto del concepto de símbolo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

\_\_\_\_\_. *Symbol, myth and culture: essays and lectures of Ernst Cassirer 1935-1945*. New Haven; London: Yale University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *The philosophy of symbolic forms IV: the metaphysics of symbolic forms*. Trad. de John M. Krois. New Haven; London: Yale University Press, 1996.

COMPARATO, Fabio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERNANDES, V. *Filosofia, ética e educação na perspectiva de Ernst Cassirer*. 2006. 173 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/USP, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ernst Cassirer: o mito político como técnica do poder no nazismo*. 2000. 155 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PUCSP, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Mito e religião na filosofia de Cassirer e a moral religiosa. *Notandum*, Porto, n. 11, p. 71-83, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/>>. Acesso em: 15 dez. 2011.

GONZÁLEZ-PORTA, Mario Ariel. *A filosofia a partir dos seus problemas*. São Paulo: Loyola, 2002.

ITZKOFF, Seymour W. *Cultural pluralism and american education*. Pennsylvania: International Textbook Company, 1969.

\_\_\_\_\_. *Ernst Cassirer: scientific knowledge and the concept of man*. London: University of Notre Dame Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *Ernst Cassirer: philosopher of culture*. Pennsylvania: Twayne Publishers, 1997.

KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

\_\_\_\_\_. *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. Qué es la ilustración? In: \_\_\_\_\_. *Filosofia de la historia*. Trad. de Eugenio Ímaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1987. p. 25-38.

KROIS, J. M. *Symbolic forms and history*. New Haven; London: Yale University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. Cassirer, neo-kantianism and metaphysics. *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, année 96, n. 4, p. 435-453, oct./déc. 1992.

\_\_\_\_\_. Review of Lipton's Dilemma of a liberal intellectual – G 14. *Journal of the History of Philosophy*, n. 20, p. 209-213, 1982.

LIPTON, D. R. *Ernst Cassirer: the dilemma of a liberal intellectual in Germany. 1914-1933*. Toronto: University of Toronto Press, 1978.

LUGARINI, Leo. *Crítica della ragione e universo della cultura: gli orizzonti cassireriani della filosofia trascendentale*. Roma: Ateneo, 1983.

\_\_\_\_\_. Ernst Cassirers: the myth of the State und die “Dialektik der Aufklärung” von Max Horkheimer und Theodor W. Adorno. In: LUGARINI, Leo. *Die*

*Realität der symbolischen formen: die kulturphilosophie Ernst Cassirers im kontext.*  
Darmstadt: Wiss Buchges, 1994. p. 111-145.

\_\_\_\_\_. *Ernst Cassirer: von Marburg nach New York: eine philosophische Biographie.* Darmstadt: Wiss Buchges, 1995. p. 127-147.

MACHADO, Nilson José. *Educação: projetos e valores.* São Paulo: Escrituras, 2000.

**Recebido em 28 de dezembro de 2011.  
Aprovado em 14 de fevereiro de 2012.**